



30 ANOS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE (1983-2013): NOS CAMINHOS DA MEMÓRIA¹

Dr. José Alexandre Felizola Diniz

Professor Aposentado da Universidade Federal de Sergipe (UFS)

Idealizador do Programa de Pós-Graduação em Geografia

da Universidade Federal de Sergipe (UFS)

E-mail: jafdiniz1941@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

Bom dia! (...). A partir da visita de Josefa² e Vera³ e da menina que elaborou o vídeo⁴, Laiany⁵, (...), eu comecei a refletir, a lembrar todo o processo de criação da Pós-Graduação na Universidade Federal de Sergipe e na Geografia. Minha memória já não é tão boa quanto a de Vera França, mas dá para lembrar alguma coisa ainda. Telefonei para Vera, conversei com ela e Augusta⁶, que deixou um texto⁷ publicado na GeoNordeste contando como foi a primeira turma do Mestrado da Pós-Graduação. Tudo isso foi me ajudando a recuperar as informações sobre o que ocorreu aqui na Universidade Federal de Sergipe.

Eu comecei a me acostumar um pouco com essa questão de memória a partir da criação do Museu de Arqueologia de Xingó. Essa máquina do tempo imperfeita que é a memória da gente, porque ela é sempre meio fria, e além de imperfeita, não transmite a paixão dos momentos. E tudo

¹ Conferência ministrada por ocasião do evento intitulado **NPGeo (Núcleo de Pós-Graduação em Geografia) - 30 anos (1983-2013). Produzindo Conhecimento**, realizado na Universidade Federal de Sergipe (UFS), em 2013. O título da conferência é **Caminhos e Tessituras da Geografia: NPGeo e suas Linhas de Pesquisa**. A transcrição da conferência gravada foi feita pela doutoranda Vanilza da Costa Andrade, do PPGeo da UFS. O professor Dr. José Wellington Carvalho Vilar (IFS - UFS) fez a revisão inicial do texto, procurando manter a fala em sua coloquialidade, mas adicionando algumas notas explicativas para esclarecer nomes de pessoas e algumas situações. O texto também sofreu ligeiras adaptações para se adequar a uma fala escrita e também foram acrescentados tópicos para agilizar a leitura. A professora Dra. Vera Lúcia Alves França (UFS) fez a segunda revisão e acrescentou mais algumas notas. E, por último, o professor Dr. José Alexandre Filizola Diniz leu o texto final e concordou com a versão que ora se torna pública como memória da Pós-Graduação em Geografia da UFS.

² Refere-se a Dra. Josefa Bispo de Lisboa, professora do Departamento de Geografia da Universidade Federal de Sergipe (UFS), Campus Itabaiana, e coordenadora do PPGeo (Programa de Pós-Graduação em Geografia) da UFS, no ano de realização do evento.

³ Refere-se à Dra. Vera Lúcia Alves França, professora aposentada da UFS e do PPGeo.

⁴ Refere-se ao vídeo elaborado por componentes do PPGeo em comemoração aos 30 anos da Pós-Graduação em Geografia na Universidade Federal de Sergipe e que foi exibido durante o evento.

⁵ Refere-se à aluna Layane Rose Souza Santos, Doutoranda junto ao PPGeo da UFS.

⁶ Refere-se à professora Dra. Maria Augusta Mundim Vargas (UFS - PPGeo).

⁷ VARGAS, M. A. M.. **Geografizando nos Grifos da Memória**. Texto disponível na Edição 2013, número 2, da Revista GeoNordeste. <https://seer.ufs.br/index.php/geonordeste/article/view/1507/1332>

isso aqui foi feito com muita paixão! Todo o processo de criação da Pós-Graduação da Universidade Federal de Sergipe foi feito com muita paixão e isso a memória não registra, mas um evento como esse às vezes traz de volta a paixão e a gente relembra de alguma coisa, relembra desses momentos vividos.

Agora mesmo eu recebi o livro de Wellington⁸ e Hélio Mário⁹ e disse a eles, (...), se eu tenho algum receio, alguma culpa pelos gritos que eu dei, pelas cutucadas que eu dei, agora não tenho mais nenhuma, porque valeu a pena. Valeu a pena o que eu vi ontem com a apresentação de Josefa, que mostra que o meu trabalho pessoal e de todo mundo que participou desse processo foi muito rico. Neuza¹⁰ você não viu ontem, mas nós estamos de parabéns. Quem está de parabéns não sou eu, é o NPGeo!¹¹ Todo mundo, porque eu acho que foi um sucesso incrível o que houve. Ontem o vídeo mostrou tudo que se tentou fazer, teve continuidade, não morreu.

(...).

A memória no Brasil é terrível e a gente se acostumou na universidade em criar várias coisas, e essas coisas morrerem pouco tempo depois. Não há necessariamente continuidade. Mas no caso da Geografia, a gente tem que se congratular pela continuidade do processo que certamente vai continuar. Inclusive eu quero parabenizar ao Núcleo pela GeoNordeste, que eu nem sabia que continuava, agora de forma digital. A GeoNordeste foi criada com muito esforço dentro dessa perspectiva de que Sergipe é periferia.

Olhe bem, vamos deixar logo isso assentado. Eu sou sergipano, então posso falar. Se fosse paulista não podia, ouviu Rita¹²? Mas como eu sou sergipano, eu posso falar: Sergipe, a periferia da periferia. Embora, por exemplo, nos órgãos técnicos do Nordeste, quando havia SUDENE, Sergipe sempre foi considerado num patamar acima (...). O pessoal da SUDENE dizia que Sergipe era a “Suíça Nordestina”. (...). Mas é um Estado pequeno, politicamente fraco, com uma universidade muito pequena, frágil e isso pesa, pesa negativamente. E a gente enfrentou isso durante todo o processo de criação da Pós-Graduação em Geografia, na Universidade Federal de Sergipe. Sempre sendo os pioneiros, implantando pela primeira vez as coisas, mas tendo que carregar o peso imenso,

⁸ Refere-se ao professor Dr. José Wellington Carvalho Vilar (IFS - UFS). Refere-se também ao livro **Território, Meio Ambiente e Turismo no Litoral Sergipano**, publicado pela EDUFS, em 2010, e que um pouco antes de iniciar a conferência foi apresentado ao Prof. Dr. José Alexandre Filizola Diniz.

⁹ Refere-se ao professor Dr. Hélio Mário de Araújo, atual Chefe do Departamento de Geografia (DGE) da UFS, Professor Permanente do PPGeo da UFS, e co-autor do livro **Território, Meio Ambiente e Turismo no Litoral Sergipano**, publicado pela EDUFS, em 2010.

¹⁰ Refere-se à Neuza Maria Góis Ribeiro, professora aposentada da UFS e colaboradora nos primeiros anos do NPGeo – UFS.

¹¹ NPGeo é a sigla original do Núcleo de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Sergipe que em 2016 passou a ser denominado PPGeo – Programa de Pós-Graduação em Geografia.

¹² Refere-se à professora Dra. Rita Ariza Cruz da USP, convidada para o evento **NPGeo - 30 anos (1983-2013). Produzindo Conhecimento**, realizado na UFS, em 2013, e presente na plateia.

que, às vezes, não era só peso, era oposição mesmo. (...). E isso foi sentido sempre e vocês certamente continuam e continuarão a sentir durante muito tempo, graças ao que Rita colocou tão bem ontem que é essa desigualdade, essa desigualdade regional, que se reflete no Ensino Superior e na Pós-Graduação. Mas tem que ser enfrentado com trabalho (...). Eu não esqueço nunca que eu e Vera fizemos o primeiro Atlas Digital do Brasil. Nem sei quando foi, 1996? Era uma Atlas Digital Socioeconômico de Sergipe. Era um Atlas para ser usado em computador, era socioeconômico.

(...).

Então a GeoNordeste está no caminho certo, fazendo hoje de uma forma digital, porque ninguém está mais fazendo revista científica impressa. A maior parte é mesmo digital. Então eu fiquei muito satisfeito, porque fui eu que iniciei a GeoNordeste, sempre dentro daquela outra ideia que vai permear toda a minha fala: não vamos ficar sozinhos, porque sozinhos nós não vamos a lugar nenhum. Então vamos fazer a GeoNordeste, não é GeoSergipe, é GeoNordeste, para tentar aglutinar a produção científica do Nordeste, que não tinha uma publicação regular. Qual era minha estratégia subversiva? Vão ter que ficar ligados a Sergipe, porque a publicação está aqui. Então Sergipe sobe, passa a ser mais respeitado. Era essa sempre a estratégia.

A Pós-Graduação é o tema central da minha fala. Josefa e Vera (...) queriam que recuperasse um pouco o início, porque a Pós-Graduação não nasce do nada, tem todo um processo anterior que tem que ser recuperado. Por que não se pode instalar uma Pós-Graduação do nada. Eu chego em Aracaju em 1975, vindo de Rio Claro¹³ e depois da UnB. Já chego em Aracaju com minha formação completa, já como Doutor e Livre-Docente, e por isso não tinha que me preocupar com minha formação, estava pronta. E o que é mais importante, eu tinha uma rede de conhecimento nacional, do pessoal de Rio Claro, sobretudo, da USP, da UFRJ, de Pernambuco. Meu pai intelectual (...) é o Manoel Correia¹⁴. Foi quem primeiro me deu a mão e me puxou, queria muito bem a ele. Era na realidade um Pai para mim!

2 O PAPEL DO IBGE

E uma coisa que se está esquecendo no Brasil hoje em dia, é o papel como Centro de Pesquisa do Departamento de Geografia do IBGE. É preciso recuperar um pouco isso, porque o IBGE se esvaziou. A partir de não sei qual governo militar a Geografia do IBGE se esvaziou até fisicamente, perderam até os espaços físicos. Mas antes a Geografia do IBGE era fundamental.

¹³ Atual UNESP – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de Rio Claro.

¹⁴ Refere-se ao professor Emérito da UFPE, Manoel Correia de Andrade, já falecido, e que desde o início do NPGEO foi um grande colaborador, inclusive ministrando disciplinas e participando de bancos e eventos.



Naquele processo getulista de criação do espaço brasileiro a partir dos anos trinta, o IBGE foi fundamental, porque ninguém conhecia o Brasil. Foram os geógrafos do IBGE, que correram o Brasil em cima de veículos precaríssimos, dormindo em rede montada em dois pés de pau, que trouxeram o conhecimento do Brasil para o centro do país e para a área urbana.

O IBGE como Centro de Pesquisa foi extremamente importante, pelo menos até a década de setenta e início dos oitenta, com nomes respeitados internacionalmente e muitos amigos meus: Lysia Bernardes¹⁵, Nilo Bernardes¹⁶, Elza Keller¹⁷, aquela que tinha sido minha mentora em Rio Claro, mas que depois voltou para o IBGE, e Roberto Lobato¹⁸ que era do IBGE. Roberto Lobato foi para Universidade Federal do Rio de Janeiro muito depois. Ele fez a carreira toda dentro do IBGE. Carlos Augusto Monteiro¹⁹, Pedro Geiger²⁰, Fany Davidovich²¹, irmã de Bertha Becker²², que faleceu há pouco tempo. Não posso nem falar de todo mundo, senão vou me perder. Esperidião Faissol²³ que tinha inclusive um papel internacional muito grande, representava o Brasil junto à União Geográfica Internacional (UGI). A representação do Brasil junto à União Geográfica Internacional era do IBGE. Então, eu tinha muitos contatos no IBGE e na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Eu tinha uma rede de amigos e contatos que me facilitaram o trabalho aqui em Sergipe.

3 PIONEIRISMO NA REGIONALIZAÇÃO: A ORGANIZAÇÃO ESPACIAL DO ESTADO DE SERGIPE

E chego em Aracaju de volta em 1975, eu tinha saído em 1964, com o rabo entre as pernas, porque tinha sido preso, e fui para Rio Claro. Volto quase dez anos depois e encontro uma universidade que não existia no meu tempo. Só existiam cinco Faculdades isoladas e encontro a Universidade de Sergipe. E o que era a universidade de Sergipe? Uma Escola Normal Superior. Isso

¹⁵ Refere-se à ex-professora Lysia Maria Cavalcanti Bernardes da UFRJ, já falecida, especialista em Planejamento Urbano e Regional.

¹⁶ Refere-se ao ex-professor da UFRJ, já falecido, especialista em Geografia Agrária.

¹⁷ Refere-se à Dra. Elza Coelho de Souza Keller, ex-geógrafa do IBGE e ex-professora da FFCL de Rio Claro, atual UNESP de Rio Claro, e orientadora da Tese de Doutorado do Professor José Alexandre Filizola Diniz, defendida em 1968, com o título **Organização Agrária do Município de Araras**.

¹⁸ Refere-se ao professor Dr. Roberto Lobato Correa da UFRJ e do IBGE.

¹⁹ Refere-se ao Dr. Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro, professor aposentado da USP e especialista em Climatologia Urbana.

²⁰ Refere-se à Pedro Pinchas Geiger, ex-professor da UFRJ e geógrafo do IBGE.

²¹ Refere-se à Dra. Fany Rachel Davidovich, ex-geógrafa do IBGE.

²² Refere-se à professora Dra. Bertha Koiffmann Becker, da UFRJ, já falecida.

²³ Geógrafo e ex-professor da UFRJ e da UERJ.



quem dizia era Doutor Aloísio²⁴ que foi reitor. Não tinha quase nada, era simplesmente um “colegão” que dava aula para formar licenciados ou alguns profissionais técnicos na área de Química, de Contabilidade, Economia e Direito e Medicina, que começou depois. O resto era licenciatura. Era tudo extremamente precário. Eu chamo de época heroica da universidade em que as coisas eram feitas sem condição nenhuma. Nenhuma. Nada, absolutamente nada.

É nessa situação de um esforço imenso que eu cheguei em Aracaju em agosto de 1975. E com a minha chegada se inicia o contato com a SUDENE, através do CONDESE (Conselho de Desenvolvimento de Sergipe), naquela época não havia Secretaria de Planejamento, havia Conselho de Desenvolvimento Econômico em cada estado. Gilson Cajueiro²⁵ era o Secretário Geral do CONDESE e havia sido meu colega de Ginásio. Gilson recebe da SUDENE a incumbência de criar o grupo que vai fazer a Regionalização do Estado de Sergipe e ele monta o convênio com a Universidade. Havia um grupo fazendo a regionalização em todos Estados do Nordeste. Era aquela época inocente, entre aspas, ingênua em que se achava que regionalizar, que a regionalização melhoraria o planejamento. A ideia era planejar, então vamos planejar regionalmente e vamos fazer até governos regionais. A gente era bobo ou era ingênuo, porque achava que podia dividir poder. Hoje é muito claro que poder não se divide, ao contrário, se concentra.

Recebo a incumbência do reitor Luiz Bispo²⁶ de criar o grupo que vai fazer a Regionalização de Sergipe, a través do Departamento de Geografia. Eu disse, professor e nós vamos trabalhar onde? A universidade só tinha sala de aula, nós estávamos naquele prédio da rua de Campos que hoje é o IPES²⁷. Não tinha nenhuma sala disponível na universidade para esse grupo ficar trabalhando. E nós tínhamos um trabalho de cartografia para fazer e não pode estar enrolando e desenrolando mapa sem espaço físico. Nós tínhamos que ter um espaço. Sabe o que Luiz Bispo fez? Desaloja o Serviço Social da Reitoria, de uma sala antiga, na rua de Lagarto. (...). Era uma sala de mais ou menos 6 metros ou 7 metros por 3 e desaloja o Serviço Social da Universidade, colocando-o embaixo da escada da Reitoria. E a gente ocupa essa sala. E transporte? O CONDESE nos deu duas aero willys para se percorrer o estado de Sergipe inteiro.

Com isso se consegue fazer o que a SUDENE depois rotulou de melhor trabalho de Regionalização do Nordeste, porque eu não parti apenas para a regionalização. Do pessoal que participou, daqui eu acho que só tem Neuza. (...) Agamenon²⁸, que já faleceu, também participou até

²⁴ Refere-se ao Dr. José Aloísio de Campos, ex-reitor da Universidade Federal de Sergipe entre 1976 e 1980, já falecido.

²⁵ Gilson Cajueiro de Holanda, ex-reitor da UFS entre 1980 e 1984, já falecido.

²⁶ Ex-reitor da UFS entre 1972 e 1976, já falecido.

²⁷ IPES – Instituto de Previdência do Estado de Sergipe.

²⁸ Refere-se ao professor MSc. Agamenon Guimarães de Oliveira, ex-professor do DGE da UFS, já falecido.



o fim. Adelci²⁹ e Zé Augusto³⁰ faziam parte da equipe. (...). Eu não optei, como outros estados, em fazer a regionalização. Não. Nós não conhecemos Sergipe. Geograficamente nós não temos nenhuma informação sobre Sergipe. Nós não conhecemos Sergipe geograficamente. Então a gente tem que fazer um trabalho de Geografia de Sergipe, o primeiro trabalho de Geografia de Sergipe, para daí sair a Regionalização. E foi o que a gente fez e chamou de “Organização Espacial do Estado de Sergipe”, um documento imenso, cujo último capítulo era a Regionalização.

E para discutir essa Regionalização final a gente monta um evento grande em Aracaju com o pessoal da SUDENE e eu trago simplesmente Nilo e Lysia Bernardes para discutir a Regionalização. Eu sempre trouxe uma pessoa de fora para discutir, para melhorar. Até então, as condições eram muito precárias. Mas se foi avançando, porque inclusive eu e minha mulher fomos os primeiros professores da área de Humanas em regime de 40 horas na Universidade. Todo mundo era tempo parcial, para dar aula. Havia algumas pessoas de 40 horas na área de Exatas, de Matemática e Física, mas era também para dar aula. Não havia nenhuma disponibilidade de hora para pesquisa, para ninguém. (...).

Mas as coisas começavam a mudar. A CAPES começava a agir. Eu inclusive vim para Aracaju trazido por Adelci, Chefe do Departamento de Geografia na época, que havia passado um ano comigo em Brasília na UNB, mandada pela CAPES, que começava a experimentar algumas coisas, entre elas essa ideia do visitante. Então Adelci foi para UNB (...) com bolsas paga pela CAPES. E ela tentou e conseguiu trazer a gente para cá.

A equipe para fazer a Organização Espacial foi treinada no trabalho, no campo: Hosana³¹, Zé Augusto, Neuzinha³², Adelci e Humberto³³, também já falecido, Agamenon, Ana Virgínia³⁴, Cecília³⁵ que eram estagiários, porque eram alunos ainda. Francisco Barreto³⁶ também. Foi uma equipe muito boa e percorremos todo estado aplicando o questionário de agricultura, de população e de rede urbana.

Como eu disse, trouxe Lysia e Nilo para fechar essa discussão. Sempre foi minha tendência trazer uma pessoa de fora. E com essa Organização Espacial de Sergipe, os contatos se ampliam, sobretudo no Nordeste, com Recife e Salvador, começando uma certa visibilidade do grupo de

²⁹ Refere-se à Livre Docente Adelci Figueiredo Santos, ex-professora do DGE e pioneira no NPGEIO da UFS.

³⁰ Refere-se ao professor MSC e geógrafo José Augusto Andrade, do DGE da UFS, hoje aposentado.

³¹ Refere-se à Maria Hosana de Souza, professora do DGE da UFS, hoje aposentada.

³² Refere-se à Neuzinha Maria Góis Ribeiro, professora aposentada da UFS e colaboradora nos primeiros anos do NPGEIO – UFS.

³³ Refere-se ao professor Humberto Rocha Souza do DGE da UFS, já falecido.

³⁴ Refere-se à professora Dra. Ana Virgínia Costa de Menezes, do DGE da UFS e do NPGEIO, hoje aposentada.

³⁵ Refere-se à professora Dra. Maria Cecília Pereira Martins, do DGE da UFS, hoje aposentada.

³⁶ Refere-se à Francisco Barreto, aluno do curso de Licenciatura em Geografia na época.



Geografia de Sergipe, que antes era um Departamento apenas para dar aula e formar licenciados. Então começa essa visibilidade, essa minha busca pela visibilidade. (...).

4 A FUNDAÇÃO DA AGB (ASSOCIAÇÃO DOS GEÓGRAFOS BRASILEIROS) EM SERGIPE E A PARTICIPAÇÃO NO CONGRESSO DE PENEDO

Quando a gente fundou a AGB aqui, em 1961, e fomos para o congresso de Penedo³⁷, nosso professor de Geografia Humana era Bonifácio Fortes³⁸ que tinha sido colega da Faculdade de Direito de Manoel Correia, em Recife. Bonifácio era um Geógrafo nato, com uma formação quase autônoma e tinha feito aquele curso que foi dado pela UGI em 1955³⁹, quando houve o Congresso Internacional de Geografia, no Rio de Janeiro, e que os professores franceses ficaram ministrando um mês de aula para o pessoal da Geografia brasileira.

Então, nós fundamos a AGB aqui em Sergipe e Manoel Correia veio com Araújo⁴⁰ que era o secretário-geral da AGB nacional. Está na história da USP, a história está toda muito interligada, não está separada não. E nós fomos para AGB e o Bonifácio disse ao Manoel que eu tinha escrito um trabalho sobre Aracaju, que certamente alguns de vocês conhecem, aquele primeiro trabalhinho “Aracaju, Síntese de sua Geografia Urbana”. E Manoel disse que a Lysia Bernardes estaria presente no Congresso de Penedo⁴¹ e (...) ela poderia dar uma lida no seu trabalho e melhorar o seu trabalho. (...). Eu tinha feito esse trabalho ainda como aluno de Geografia, andando de bicicleta pela cidade.

Quando eu chego na AGB de Penedo, Manoel olha para mim e diz: amanhã de manhã você vai apresentar seu trabalho. Eu digo: como é? Ele respondeu: vai apresentar o seu trabalho. Eu não tinha levado absolutamente nada, não tinha levado um mapa, não tinha levado nada, foi de surpresa. Foi um sucesso, porque um menino lá de Aracaju apresenta um trabalho de pesquisa feito autonomamente e uma das pessoas que me elogiou muito e depois ficou conversando muito comigo foi simplesmente Caio Prado Júnior, que participava anualmente como sócio fundador da AGB. (...).

³⁷ Refere-se à 16ª Assembleia da Associação de Geógrafos Brasileiros, realizado em 1962, na cidade alagoana de Penedo.

³⁸ Refere-se ao advogado José Bonifácio Fortes Neto, professor da Cadeira de Geografia Humana da Antiga Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, já falecido.

³⁹ Refere-se ao curso de Altos Estudo Geográficos ministrado por geógrafos do quilate de Hilgard O'Reilly Sternberg, Pierre Deffontaines, Carl Troll e André Cailleux, entre outros, após o XVIII Congresso Internacional de Geografia, realizado em 1956, no Rio de Janeiro. É o primeiro evento desse porte no Brasil e que consegue ter um grande impacto na Geografia Brasileira.

⁴⁰ Refere-se ao ex-professor José Ribeiro de Araújo Filho da USP.

⁴¹ Refere-se à Assembleia da Associação de Geógrafos Brasileiros, realizado em Penedo – Alagoas, em 1962.



Eu fiquei junto da Lysia Bernardes, nós almoçávamos num hotel de Penedo e depois do almoço ela sentava comigo ao lado, no sofá, e lia comigo página por página do trabalho. Então eu fui considerado o geniozinho de Penedo. Sempre na AGB tinha um geniozinho. Na AGB anterior, tinha sido Roberto Lobato. Então sempre tinha um geniozinho!

5 A CHEGADA EM RIO CLARO E A PRESENÇA DA PROFESSORA ELZA KELLER

Então cheguei em Rio Claro como o geniozinho da Geografia. Resultado, Dona Elza⁴² me diz: vou fazer uma prova amanhã com você. (...). Então sentei lá e ela fez uma série de questões, uma prova de Geografia Humana. Quando chego bem fagueiro para conversar com ela sobre a prova, recebi um zero. Aí eu tive assim um golpe. Eu só não voltei para cá, porque se voltasse ia ser preso. Então é melhor ficar por aqui, aguentar esse zero do que ir para cadeia. Então vou ficar aqui. Era cadeia, porque fui líder estudantil da União Estadual dos Estudantes de Sergipe e ator do Centro Popular de Cultura fazendo Teatro Popular por aí... (...).

E o que tinha acontecido na prova? Simplesmente Dona Elza questionou o uso das expressões fatos de ocupação destrutiva do solo, fatos de ocupação produtiva e fatos de ocupação improdutivos do solo, os fatos essenciais da Geografia Humana⁴³. Simplesmente eu estava usando autores franceses de 30 anos atrás, que era o que Bonifácio⁴⁴ conhecia e a gente estudava. A coisa já estava em outro nível. (...).

Num seminário, Dona Elza me deu um tema de irrigação no mundo. Rio Claro tinha uma biblioteca fantástica com as revistas internacionais mais importantes do mundo. Fucei tudo, fiz até mapeamento de tipos de irrigação no mundo inteiro, recuperando as informações de diversos artigos. Quando eu chego para Dona Elza, (...) ela riscou onde dizia que a irrigação pode ser um processo técnico avançado ou pode fazer parte de um gênero de vida. Ela disse: eu quero que você me diga o que é gênero de vida? Eu falei mais ou menos uma bobagem lá que nem lembro mais. E ela diz: tenho mais alguns livros para você ler aqui sobre gênero de vida para você não usar um conceito que você não sabe. (...).

⁴² Refere-se à professora Elza Coelho de Souza Keller, ex-geógrafa do IBGE e ex-professora da FFCL de Rio Claro, atual UNESP de Rio Claro.

⁴³ Refere-se principalmente às ideias de Jean Brunhes em sua obra *Geografia Humana*, publicada originalmente em 1910, na França, com três volumes. Em 1935, a obra foi publicada numa edição abreviada. No Brasil, a primeira edição condensada é de 1962, publicada pela Editora Fundo de Cultura, do Rio de Janeiro.

⁴⁴ Refere-se ao advogado José Bonifácio Fortes Neto, professor da Cadeira de Geografia Humana da Antiga Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, já falecido.

6 O PRIMEIRO CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO DA UFS: GEOGRAFIA APLICADA AO PLANEJAMENTO

Eu sabia que o pessoal daqui tinha aquela formação que eu tinha, e era preciso recuperar essa formação. Então o que eu faço? Eu monto o primeiro curso de Especialização na universidade, um curso de Especialização em Geografia Aplicada ao Planejamento. Neuza está aqui, foi aluna. Lílian⁴⁵ foi aluna. (...) E outras pessoas da comunidade também participaram. Eu lembro de Lílian⁴⁶, Cibele⁴⁷ da SEPLAN e mais outras pessoas. Geografia Aplicada ao Planejamento para reforçar o conhecimento do pessoal. Algumas pessoas de fora vieram. Roberto Lobato veio dar aulas de Geografia Urbana e também Bertha Becker. Para parte de cartografia, que eu tinha notado uma fraqueza muito grande, eu trouxe Christine⁴⁸, da Bahia.

7 OS PRIMEIROS LIVRE-DOCENTES DA UFS E DA GEOGRAFIA SERGIPANA

Paralelamente a isso, há um processo na universidade de Livre-Docência. E isso está sendo esquecido, mas não pode. O sistema Paulista sempre teve a Livre-Docência. Vocês sabem o que é Livre-Docência? (...) Nosso Sistema Universitário era baseado na Cátedra, havia um professor catedrático que dava ordem naquela Cátedra. Ele era senhor e dono absoluto da Cátedra. Incontestável. Não poderia ser demitido, era permanente, estável e a última palavra era dele. Ele determinava, a depender do catedrático, até as aulas que os seus assistentes davam (...). O que aconteceu? Chegava um momento em que o assistente tinha crescido tanto, tinha feito o Doutorado, que já não precisava, não queria estar submetido às ordens, à dominação do catedrático. Então ele poderia fazer, (...), um concurso de Livre-Docência. Ele não chegava à Catedrático, porque a vaga do Catedrático estava tomada e enquanto não morresse ou se aposentasse, a vaga estava ocupada. Mas ele era livre na docência dele. Isso era a Livre-Docência. Em São Paulo esse sistema continua até hoje, embora não exista mais a Cátedra, que passou a ser um degrau na promoção da carreira.

Mas as federais tinham essa carreira. Nesse processo, em meados da década de 1970, o Conselho Federal de Educação resolveu dizer o seguinte: vai ser proibida a Livre-Docência nas Universidades Federais para quem não tem Doutorado. E só para quem fizer a Livre Docência até

⁴⁵ Refere-se à Geógrafa Lílian de Lins Wanderley, Professora Doutora junto ao Departamento de Geografia e ao PPGE da Universidade Federal de Sergipe.

⁴⁶ Refere-se à ex-professora de Geografia da antiga Escola Técnica Federal de Sergipe, atual IFS, Lílian Corrêa Machado, hoje aposentada.

⁴⁷ Geógrafa aposentada da SEPLAN (Secretaria de Planejamento) em Sergipe.

⁴⁸ Refere-se à professora Dra. Bárbara-Christine Nentwing Silva da UFBA que colaborou com o NPGE e PPGE da UFS.



determinado tempo, não sei se foi 1997/98, essa Livre-Docência equivaleria ao Doutorado. Bagunçou o coreto, porque o sistema Paulista de Livre-Docência era muito mais do que o Doutorado.

Havia também a questão do Professor Titular e o concurso de Catedrático anterior nas federais que dava ao Catedrático o título de Doutor. Bem, então o Conselho diz: quem fizer até tal período a Livre-Docência tem o título de Doutor.

E aqui se estimulou algumas pessoas a fazerem-na. Cinco candidatos da Universidade Federal de Sergipe fizeram a Livre-Docência. Esse pessoal precisa ser lembrado, porque foi um esforço imenso, lutar contra a maré para fazer um concurso como esse. Airton Teles, na Medicina, que morreu logo depois, dizem que foi infarto produzido pela Livre-Docência. Era a nata da intelectualidade sergipana que se colocava publicamente num concurso para ser questionado. Isso não é fácil, não naquela época. Hoje em dia se está muito mais acostumado a ser questionado e acabar com essa ideia da sapiência, mas naquela época isso era muito arraigado. Eram todos professores titulares da universidade, considerados o máximo em suas respectivas áreas, e que se colocavam publicamente diante de uma banca que questionava a sua sabedoria. E a ideia era: ou você sabe tudo ou você não sabe nada.

Eu lembro quando Vera foi defender a primeira Dissertação de Mestrado no nosso Núcleo aqui, foi uma “briga desgraçada”. Discutiu-se muito e depois dessa discussão toda, Vera passa com 10. Houve aquele comentário: brigaram tanto, criticaram tanto e depois deram 10. Porque não se entendia muito bem a ideia da crítica científica.

Foi Airton Teles, da Medicina, Raimundo Mendonça de Araújo, da Morfologia, Silvério Leite Fontes, da História, (...), e os nossos dois que merecem ser lembrados: (...) Adelci e Emmanuel Franco⁴⁹. Adelci fez parte fundamental da implantação da Pós-Graduação e desse processo de transformação do Departamento de Geografia de cursinho de formação de professores em Centro de Pesquisa. Adelci fez parte fundamental disso e a coragem de ter feito a Livre-Docência tem que ser reverenciada. É muita força de vontade e muito trabalho. (...).

8 A NECESSIDADE DE CAPACITAÇÃO DOCENTE E A FORMAÇÃO DA PRIMEIRA GERAÇÃO DE PROFESSORES DA PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

Esse processo de mudança da Geografia não está isolado, ele faz parte de um processo de mudança geral da universidade na década 1970. Rita ontem falou sobre os governos militares

⁴⁹ Professor do Departamento da Geografia da UFS e do NPGeo nos primeiros anos do curso, já falecido.

lembrando da ideia de desenvolvimentismo, então as universidades também sofrem mudanças. E aqui o que acontece? Entra um novo reitor, o professor José Aloísio de Campos, que não pode ser esquecido, tem até busto dele na reitoria. Um grupo, inclusive com dinheiro próprio, colocou aquele busto lá para ninguém esquecer. O Campus também se chama José Aloísio de Campos. Ele cria todo um processo de mudança da universidade, que está ligado às mudanças que vem também do governo federal, a construção do Campus da universidade com equipamentos, biblioteca e uma mudança fundamental no currículo da universidade inteira. Eu sei porque eu fui relator desse processo de mudança do currículo geral da universidade, que inclusive permitiu a criação dos Bacharelados.

O desenvolvimento do PICD, Plano Institucional de Capacitação de Docentes da CAPES, permite mandar para fora pessoas que vão obter naquela época o título de Mestre. No nosso caso, o PICD na Geografia, é o caso de Neuzinha que vai para Recife com Agamenon. Eu fui orientador dos dois. E em Recife, eu já participava como professor do curso de Manoel Correia, do Mestrado⁵⁰. Cecília, Hosana e Tereza Cruz⁵¹ vão para Rio Claro e Eliane⁵² vai para São Paulo, para USP. (...). Então a gente manda esse primeiro grupo para fazer Mestrado fora. (...). Zé Augusto também vai, mas não continua, volta. Vai Edvaldo⁵³, também não continua e volta. Desse grupo vão sair os primeiros docentes da Pós-Graduação que virá depois. A esse grupo se acrescenta a professora Vânia Fonseca⁵⁴, vinda de São Paulo por recomendação do pessoal de Rio Claro, e também vem Dieter Heidemann⁵⁵, indicado por Manoel Correia. Eu queria uma pessoa de uma formação diferente, senão esse pessoal vai ficar com “minha cabeça só” e não pode ser. Manoel recomenda Dieter, porque eu queria uma pessoa da Geografia Crítica. Então vem o Dieter Heidemann e algum tempo depois vem a Maria Geralda⁵⁶.

E a gente começa a ter um grupo que já começa a pensar um pouco diferente, mas, até então, não estava muito clara a ideia de Pós-Graduação. É a ideia de um grupo de pesquisa, de trabalho de pesquisa. A ideia da Pós-Graduação vai começar talvez em 1979/1980, com a ideia de se poder pensar em Núcleos de Pós-Graduação de fato.

⁵⁰ Refere-se ao curso de Mestrado em Geografia da UFPE, à época coordenado pelo professor Manuel Correia de Andrade.

⁵¹ Refere-se à professora Maria Tereza Souza Cruz da UFS, já aposentada.

⁵² Refere-se à Dra. Josefa Eliane Santana de Siqueira Pinto, professora do DGE e do PPGE da UFS.

⁵³ Refere-se ao professor Edvaldo Santos Rocha Teles, do DGE da UFS, já falecido.

⁵⁴ Refere-se à professora Dra. Vânia Fonseca, do DGE, NPGE e PRODEMA da UFS, hoje aposentada.

⁵⁵ Refere-se ao Dr. Heinz Dieter Heidemann, ex-professor da Universidade Federal de Sergipe e atualmente professor aposentado da USP.

⁵⁶ Ex-professora da Universidade Federal de Sergipe e da Universidade Federal do Ceará. Atualmente é Professora Titular do Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade Federal de Goiás, Laboratório de Estudos e Pesquisas das Dinâmicas Territoriais – LABOTER – e do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Sergipe (PPGE).



9 O PRIMEIRO ENCONTRO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA (ENGA) - SALGADO – SERGIPE

O ano de 1978 é marcante em função da realização do congresso da AGB em Fortaleza. Eu hoje, se fosse escrever a História da Geografia Brasileira, escreveria antes de 1978 e depois de 1978. É um divisor de águas. Como eu já falei naquele vídeo de ontem, é um ponto de ruptura, de entrada da Geografia Crítica. Milton Santos⁵⁷ fazendo aquela agitação, a Geografia Urbana em plena efervescência e a gente resolve criar os Encontros Nacionais de Geografia Agrária (ENGA), também em 1978.

Eu trago o primeiro ENGA para Sergipe. Foi feito em Salgado, num hotel, e sempre foi aquela ideia de fazer encontros pequenos de pessoas que estão trabalhando no assunto. Não é um congresso, é um encontro pequeno de pessoas que estão trabalhando no assunto que sentam para refletir, discutir e aprofundar conhecimentos. Vamos fazer em hotéis pequenos, fechados (...).

E a ideia foi assim: vamos fazer esses ENGAS baseados em textos. Vamos pedir as pessoas que produzam um texto sobre determinado assunto e esse texto é discutido com todo mundo, para ser um ponto de partida, um roteiro de discussão. Esse modelo ficou durante muito tempo, não lembro do que foram os temas. (...). Lembro que Mário Lacerda⁵⁸ veio, ele fez um dos textos. Ceron⁵⁹ e Lúcia Helena⁶⁰ fizeram textos. Outros também fizeram, é o caso de Bertha Becker que participou muito do início do nosso desenvolvimento, depois ela teve outras coisas, começou a se afastar, mas ela participou muito.

Com esse ENGA realizado em Salgado, que foi um sucesso, o nosso reconhecimento nacional aumenta e a nossa posição nacionalmente melhora. Quero lembrar que esses ENGAS baseados nos textos acabou por esgotar seu modelo em Garanhuns⁶¹, porque o pessoal passou a entender que o texto era para ser criticado. (...). Ninguém estava fazendo a Tese para ser criticada, estava levantando pontos para serem discutidos, mas tudo é um processo que avança e se modifica.

O encontro de Salgado foi extremamente importante, porque foi a partir do congresso da AGB de Fortaleza que se teve contato com a SUDENE, através de Carlos Caldas Lins⁶² que era

⁵⁷ Ex-Professor da UFBA, da UFRJ e da USP, Dr. Honoris causa por várias universidades brasileiras e estrangeiras, já falecido.

⁵⁸ Refere-se ao professor Emérito da UFPE Mário Lacerda de Melo, já falecido.

⁵⁹ Refere-se ao professor Titular Dr. Antonio Olívio Ceron da UNESP - Rio Claro, já aposentado.

⁶⁰ Refere-se à Dra. Lúcia Helena de Oliveira Gerardi, professora da UNESP, Rio Claro.

⁶¹ Refere-se ao VI Encontro Nacional de Geografia Agrária (ENGA), realizado na cidade de Garanhuns-PE, em 1985.

⁶² Técnico da SUDENE.



Diretor do Departamento de Planejamento Regional, irmão de Raquel Caldas Lins⁶³, professora do Departamento de Geografia da Universidade Federal de Pernambuco. Com isso, nós passamos a integrar o grupo de pesquisa da SUDENE para levantamentos no Nordeste.

10 O PRIMEIRO ATLAS DE SERGIPE

Daí sai também a ideia de se fazer um Atlas de Sergipe que foi considerado durante muito tempo o melhor Atlas Estadual no Brasil. Talvez tenha sido o último grande Atlas Estadual no Brasil, porque hoje ninguém faz mais atlas, não há mais necessidade, já que se tem disponibilidade de mapeamento de dados instantâneos através do censo. Então não tem mais atlas, mas naquela época era importante e foi feito o Atlas de Sergipe com uma colaboração externa muito importante da Elza Keller e de Getúlio Vargas Barbosa⁶⁴ que era da Federal de Minas Gerais. Esse atlas foi feito ainda na cozinha de uma casa vizinha a reitoria, que o reitor havia alugado para sediar a Gerência de Recursos Humanos, a Gerência de Equipamentos e a Gerência de Construção do Campus. Como eu era Gerente de Recursos Humanos, eu peguei a cozinha dessa casa e na cozinha nós fizemos o atlas. É como você falou ontem, Rita, nem sempre precisamos de muitos recursos. As coisas podem ser feitas também sem grandes recursos.

Depois de alguns anos, eu tive uma experiência interessante, já fazendo a última pesquisa com a SUDENE, “Áreas de Exceção de Sergipe e Alagoas”. (...). Fui conversar com Secretário de Planejamento de Alagoas, em Maceió, para pegar os últimos dados que precisava daquelas Áreas de Exceção de Alagoas. Era um rapaz jovem, e conversando comigo ele disse: Alagoas não tem jeito! Vocês têm muita sorte com seus governantes. Os governadores de Sergipe tocam Sergipe para frente, os de Alagoas são uma lástima. (...). Vocês têm um trabalho em Sergipe magnífico, e puxa da gaveta dele o Atlas de Sergipe. Alagoas nunca sonhou e nunca vai ter um negócio desse. E eu disse a ele que fui eu que coordenei esse atlas. E ele me abriu a Secretaria de Planejamento para eu conseguir o que quisesse lá dentro. Realmente, o Atlas de Sergipe foi um trabalho muito bom.

⁶³ Ex-professora da Universidade Federal de Pernambuco.

⁶⁴ Ex-professor da Universidade Federal de Minas Gerais, já falecido.



11 OS TRABALHOS GEOGRÁFICOS PARA A SUDENE

E esse contato com a SUDENE acabou por render sete convênios de pesquisa. Mário Lacerda de Melo havia feito a Regionalização do Nordeste⁶⁵ e a SUDENE contratou um trabalho de pesquisa de detalhamento de cada região.

O primeiro nosso foi das “Áreas Agrícolas Subcosteiras do Nordeste Meridional”⁶⁶ em que a gente pegou de Coruripe, em Alagoas, até o extremo sul da Bahia. Até o Wellington Vilar acabou de me dizer ao me presentear com uma de suas publicações⁶⁷ que ainda usam esse trabalho meu, porque falo de coisas que estariam atuais. Eu falo em luta pelo espaço e falo em litoraneidade. Não é isso Wellington? Eu nem sabia mais disso.

Depois estudamos outro lugar que eu achei fantástico, “A Área Centro-Ocidental do Nordeste”⁶⁸, o além São Francisco, quer diz, o Oeste Baiano até a zona de Barreiras, e na época já estavam chegando os gaúchos plantando arroz, mas a gente sabia que arroz era a cultura preliminar para a soja. O Oeste Baiano, Sul do Piauí, até mais ou menos São Raimundo Nonato, até Cristalândia, lá no Sul e o Leste do Maranhão, até Imperatriz. Uma área imensa em que se percorria de uma forma precária, por isso que eu chamo de uma época heroica. Doutor Aloísio tinha conseguido no Ministério da Educação uma doação: era uma Picape Chevrolet. Eu não sei que desgraça era aquela. A universidade não tinha nem transporte, [a picape] era furada toda por baixo de ferrugem, então a gente corria o Nordeste inteiro nessas estradas empoeiradas de máscara. (...). O Nordeste se modernizou muito (...).

Depois fizemos “A Região Cacaueira da Bahia”⁶⁹ com a colaboração inestimável do nosso amigo, que também já faleceu, Aloísio Capdeville Duarte⁷⁰, que era do IBGE e que era excelente geógrafo.

Depois começamos a entrar nos Sistemas Urbanos Regionais, e fizemos primeiro o “Sistema Urbano Regional de Aracaju”⁷¹, depois o “Sistema Urbano Regional de Teresina”⁷², e por último, o “Sistema Urbano Regional de Crato-Juazeiro do Norte”⁷³. E foi extremamente interessante também.

⁶⁵ MELO, M. L. **Regionalização Agrária do Nordeste**. Recife: SUDENE, 1978.

⁶⁶ Livro publicado pela SUDENE em 1981.

⁶⁷ Refere-se ao livro **Território, Meio Ambiente e Turismo no Litoral Sergipano**, publicado pela EDUFS, em 2010.

⁶⁸ Livro publicado pela SUDENE em 1982.

⁶⁹ Livro publicado pela SUDENE em 1983.

⁷⁰ Geógrafo do IBGE e professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro, já falecido.

⁷¹ Refere-se ao livro intitulado **Subsistema Urbano-Regional de Aracaju**, publicado pela SUDENE em 1987.

⁷² Refere-se ao livro intitulado **Subsistema Urbano-Regional de Teresina**, publicado pela SUDENE em 1987.

⁷³ Refere-se ao livro intitulado **Subsistema Urbano-Regional de Crato-Juazeiro do Norte**, publicado pela SUDENE em 1989.



Foi durante esses três estudos dos sistemas urbano-regionais que nós compramos o nosso primeiro computador, o primeiro computador da área de ciências humanas da Universidade, que Christine⁷⁴ olhava para mim e dizia yah, yah, fantástico, fantástico. Na Bahia ela só tinha maquininha de calcular e nós já tínhamos um computador itautec, daqueles bem velhos que tinha um gravadorzinho em fita que você gravava o programa na fita e lia e começava a digitar os dados. Se você errasse tinha que apagar e fazer tudo de novo, porque não tinha memória, não tinha arquivo, era online. (...)

A SUDENE queria que a gente usasse o tal do método Palomaki⁷⁵, um método que exigia uma “calculeira” muito grande e eu tinha conseguido fazer o programa para usar no nosso computador. (...). Quando se conseguiu colocar nesse computador um primeiro drive para receber um CD foi um avanço tecnológico brutal, usar um primeiro drive no computador. (...). É como se a gente estivesse vendo aqueles filmes da viagem da Lua, dos Estados Unidos. Quando a gente pense que aqueles computadores da viagem da lua são inferiores a um PC que você tem em casa hoje, é que se vê como a coisa mudou muito.

12 A GEOGRAFIA QUANTITATIVA E A MATURIDADE DA GEOGRAFIA BRASILEIRA

Aliás quando eu cheguei em Brasília já fazia Geografia Quantitativa em Rio Claro e a única coisa que se tinha em Rio Claro era uma máquina de calcular bem velha. Eu cheguei em Brasília e consegui comprar uma calculadora pequena. Era o suprassumo do avanço tecnológico, porque ela fazia as quatro operações e, milagre, extraia a raiz quadrada, e até então a raiz quadrada era feita na mão. Foi tão cara que eu comprei no crediário.

As coisas mudaram muito! O desenvolvimento da Computação na universidade também foi muito rápido, nós passamos de um 1130 quando eu cheguei aqui, com memória fantástica na época de 11k. Vocês não sabem nem o que é isso, mas depois passou para 16k, e o desenvolvimento foi muito rápido.

Em 1985, eu fui aos Estados Unidos. Eu era Pró-reitor de Pós-Graduação, e fui passar um mês na Universidade de Rhode Island. Como eu ainda mexia muito com quantificação, eu escrevi para o Nils West que era chefe Departamento Geografia lá em Rhode Island. Era Geografia e Assuntos do Mar, porque eles são muito ligados ao mar, muitos pescadores e comunidade de

⁷⁴ Refere-se à professora Dra. Bárbara-Christine Nentwig Silva da UFBA que colaborou com o NPGEO e PPGEIO da UFS.

⁷⁵ Refere-se ao geógrafo finlandês, Mauri Palomaki, que nos anos sessenta desenvolveu um método para determinação de hierarquia urbana. PALOMAKI, M. The functional centers and areas of South Bothnia, Finland. Fennia, 88(1), 1963.



pescadores de origem portuguesa. Escrevi para ele e disse que gostaria de ver o que eles estão fazendo com quantificação.

No primeiro dia, nós fomos almoçar no restaurante dos professores da Universidade e eu perguntei a Nils: o que vocês estão fazendo de quantificação? Isso em 1985. Ele respondeu, Alexandre o que eu vou dizer não vai adiantar muito, porque certamente o que a gente faz aqui você não vai poder fazer na sua universidade. Aqui se usa um computador de grande porte, é um IBM 5657, (...) e também se usa um grande pacote estatístico (...) que se chama Statistic Analysis System (SAS). Então vocês não vão poder fazer isso! Eu disse, Nilson eu tenho um IBM 5657 a cem metros da minha sala e eu tenho esse SAS implantado, só que não gosto muito dele, eu prefiro o SPSS (Statistical Package for the Social Sciences). Ele arregalou os olhos e disse: nós não temos esse mais avançado aqui. Eu até tentei comprar, mas não consegui ainda. E como você chegou a isso? Fui explicar a ele todo o processo de transformação da Geografia Brasileira, a quantificação que havia começado, expliquei para ele a minha Livre-Docência que já foi usando análise fatorial, em 1971. Ele ficou abismado e o tratamento mudou, não era mais aquele subdesenvolvido que ia lá pedir esmola, era uma pessoa de igual para igual.

Rita colocou a maturidade da geografia brasileira internacional nos anos 90, mas eu vou recuar mais no tempo. E porque eu vou para trás? Porque em 1982 nós fizemos no Brasil a Conferência Latino-americana de Geografia da UGI⁷⁶. Nessa época, que depois eu vou falar um pouco dela, chegou-se à conclusão que nós já tínhamos atingido a maturidade. A Geografia Brasileira era equivalente à Geografia que se fazia no resto do mundo, poderia haver uma diferença de técnica, um avanço sempre há. Por isso que o intercâmbio é importante, mas nós não éramos mais atrasados em relação ao que se fazia fora daqui. É importante salientar isso, o intercâmbio é fundamental. Você vai para um lugar, você vê uma coisa diferente, isso não significa que você não poderia ter aquilo aqui, isso não significa que você é inferior.

Eu até lembro bem e gosto de citar. Quando eu fui para o Congresso Internacional de Geografia em Tóquio, assisti uma apresentação do trabalho do Enyedi, da Hungria. Alguns aqui conheceram Enyedi, era um geógrafo muito ligado a gente, porque era ligado a Kostrowicki⁷⁷, da Comissão de Tipologia da Agricultura. (...). Eu já usava análise fatorial desde 1971, quando tinha feito minha Livre-Docência. Mas ele apresentou um trabalho no Japão usando análise fatorial de uma maneira diferente: em vez de fazer uma matriz de valores de dados ele fez uma matriz de diferenças. A variável era a diferença de um ano para o outro, era mudança, e eu acabei usando isso. Eu nunca tinha pensado em fazer isso e acabei usando quando fizemos o “Sistema Urbano Regional

⁷⁶ Refere-se ao Evento Latin American Regional Conference, da UGI, realizado no Rio de Janeiro, em 1982.

⁷⁷ Refere-se ao ex-geógrafo do Instituto de Geografia da Academia Polonesa de Ciências, Jerzy Kostrowicki.



de Aracaju”, que deu resultados extremamente interessantes, porque mostrou certos processos, como o processo de camponização. Mostrou certos processos que estavam atuando no espaço, porque a matriz era uma matriz de mudança.

Intercâmbio é importante. Por isso, viu Rita, eu vou um pouco antes. Eu vou para a década de 1980, essa maturidade. É claro que às vezes há muito do que eu chamo de complexo de subdesenvolvido, valorizar demasiadamente o que você está vendo lá fora e criticar demasiadamente o que você está fazendo aqui. Nós temos um pouco disso, digamos uma saudade europeia, eu acho que é coisa de colono, de colônia. Europa! Europa! Europa! Sim, vá lá para ver como está. Tem certas coisas que tem que recuar um pouco mais.

13 O PRIMEIRO EVENTO INTERNACIONAL NA UFS

Antes dessa Conferência Regional Latino-americano que foi no Rio de Janeiro, certas comissões da UGI se reuniram, porque é sempre assim, algumas comissões tópicas da UGI se reúnem separadamente. Já trabalhava há muito tempo com Kostrowicki que era da Comissão de Tipologia⁷⁸, e com aquele indiano que eu não lembro mais o nome dele, que era da Comissão de Alimentos e Produção de Alimentos da UGI.

Eu trouxe as três Comissões que trabalharam com agricultura da UGI para Aracaju, para Sergipe. Já estávamos no Campus, isso foi em 1982. Eu estava com a faca e o queijo na mão, porque era Diretor do Centro de Educação e Ciências Humanas e só vieram para o Campus, no início, as Ciências Humanas e as Ciências Sociais Aplicadas. Os prédios de Biologia e da Física não existiam ainda. Só tinha Reitoria, restaurante, biblioteca e os prédios de Ciências Humanas. Então, trouxe o congresso para cá, remobíliei um prédio inteiro. Era férias, e o prédio todo foi adaptado para fazer um Congresso Internacional.

E foi gozado porque eu contratei o restaurante universitário para fazer alimentação. Cheguei para as meninas⁷⁹, o restaurante era muito bom, recém-inaugurado, umas nutricionistas muito interessadas e dedicadas (...), e disse, nós vamos trazer brasileiros e estrangeiros e vamos fazer o almoço aqui no restaurante. Vocês fazem a comida normal do restaurante, que é muito boa, e ao invés de servir no bandeijão, vamos servir no buffet (...). E no primeiro almoço, trago o grupo todo pela passarela, as indianas vestidas de sári. Foi o primeiro evento internacional em Sergipe, nunca tinha havido Encontro Internacional em Sergipe. Subimos as escadas (...). Quando eu chego em cima, a porta estava fechada e eu vejo as mesas arrumadas (...) e o cozinheiro de chapelão. Meu

⁷⁸ Refere-se à Comissão de Tipologia da Agricultura da UGI (União Geográfica Internacional), vigente de 1964 a 1976.

⁷⁹ Refere-se às funcionárias do Restaurante Universitário (RESUN) da UFS.



Deus, o que é que vai ser aqui? E quando eles abrem as portas elas haviam preparado banquetes de hotel 6 estrelas, nem cinco, seis estrelas. Meu Deus, o que vai ser isso? Quanto vai ser isso? Não, o preço é esse que você combinou. (...). Ninguém entendeu nada! Como é que um país subdesenvolvido vai fazer almoço desse tipo? (...).

14 O PIONEIRISMO NA PÓS-GRADUAÇÃO DA UFS E A PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

O terreno estava pronto para a gente montar a Pós-Graduação. São sete anos e meio de trabalho e a gente monta então a Pós-Graduação da UFS. Essa discussão começa na Universidade Federal de Sergipe em 1981/82, na nova Pró-reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa. Gizelda Moraes⁸⁰ era Coordenadora de Pesquisa e Murilo⁸¹ era o Pró-reitor. E se cria a Comissão de Pós-Graduação e essa comissão começa a discutir, e depois vão ser criados o Grupo de Eduardo Garcia, Fisiologia do Coração, de Maria Auxiliadora Silva⁸², que estuda Estuários e Manguezais, de Gizelda Moraes, da Psicologia, que coordena o Grupo de Educação, e o meu, o da Geografia.

A gente vai criar um sistema novo, experimental, baseado primeiro na criação formal de Núcleos de Pós-Graduação. A gente cria uma estrutura paralela, porque não queria criar Núcleos de Pós-Graduação em Departamentos. Primeiro, porque os Departamentos não tinham Pós-Graduados. Ia ser uma oposição ferrenha aos cursos da Pós-Graduação. E se precisava de uma coisa mais interdisciplinar, para poder aglutinar os poucos doutores que existiam na universidade na época. Segundo, multidisciplinaridade para também aproveitar esses doutores. Eu lembro bem de duas coisas: (...) a pesquisa-ação, que era uma ideia de Gizelda, e os Seminários de Temas Brasileiros que também eram interdisciplinares.

A gente cria a Especialização⁸³ como primeira etapa, havendo um pequeno estágio para passar para a segunda etapa, (...) que seria o Mestrado. Mas na realidade, na cabeça da gente já era o Mestrado. Não sabíamos se ia chegar lá, tanto que todos os créditos dessa Especialização foram aproveitados como créditos do Mestrado. Pela primeira vez se cria um curso de Especialização com a supervisão da CAPES. Lembro até quem veio aqui. Foi Helmut Troppmair⁸⁴, de Rio Claro.

⁸⁰ Dra. Gizelda Santana Moraes, professora da UFS, já falecida.

⁸¹ Murilo Macedo, Professor do Departamento de Física, aposentado.

⁸² Dra. Maria Auxiliadora Silva, professora aposentada da UFS.

⁸³ Curso de Especialização em Organização do Espaço Rural no Mundo Subdesenvolvido, iniciado em 1983 e que posteriormente se transforma no Mestrado em Geografia com essa área de concentração.

⁸⁴ Professor aposentado da UNESP - Rio Claro.



Fizemos a primeira seleção e se inicia esse curso de Especialização como primeira etapa do Mestrado. E Guta⁸⁵, no seu texto, descreve muito bem. Ela é fiel no texto, à nossa loucura, porque o que a gente fez foi uma loucura total e completa. O curso no início se centrava na disciplina História do Pensamento Geográfico, com quatro professores: Manoel Correa, (...), centrado na Geografia Clássica; depois eu entrava com a Geografia dita positivista, que não é positivista coisa nenhuma, mas tudo bem, neopositivista, não vamos discutir epistemologia aqui agora; depois vem Tereza Cruz (...) com a fenomenologia; e por último, Dieter⁸⁶ com a Geografia Crítica.

Quando vocês lerem o texto de Guta vão entender que a loucura foi total. Um massacre absoluto. A gente queria fazer o melhor, cada um tentava dar o máximo de si. Depois a gente fez uma contagem e não sei se foram 80 ou 90 leituras em uma disciplina, praticamente, tudo em língua estrangeira. Depois chegamos à conclusão que só a História do Pensamento Geográfico tinha sido a Especialização. Depois teve Cartografia, Geografia Agrária e outras disciplinas, por isso na nossa cabeça não era um curso de Especialização, era o Mestrado que tinha começado.

Após 2 anos se chega a decisão de avançar para o Mestrado, fazer a segunda etapa. (...). E somente a Geografia teve coragem de avançar. Por exemplo, Auxiliadora Silva tinha muito mais condições que a gente. Eles tinham um Centro de Pesquisa no Crasto⁸⁷, com barco de pesquisa, mas não tiveram coragem para ir para frente, porque faltavam condições. Mas se ficar esperando pelas condições você não faz nada. As condições vão ter que aparecer no decorrer do processo, então vamos tocar para frente e vamos fazer.

Abrimos a inscrição para o Mestrado que era uma simples seleção, um rito de passagem, era só um estágio. E Vera (...), LÍlian, Ana Virgínia, Adélia⁸⁸ do Departamento de Direito, e Guta passaram a circular pelo Departamento com o crachá de estagiários (...). Ana Virginia desistiu porque o marido ia para Viçosa, e ela resolveu ir fazer a Tese em Viçosa. Adélia desistiu que era de Direito. Então ficamos com três alunas: Vera, Guta e LÍlian Wanderley, duas sob minha orientação, Vera e LÍlian, e Guta com orientação de Dieter.

O resultado de tudo isso foi um Mestrado com nível estupidamente elevado. O resultado a gente está vendo até hoje. (...). É excepcionalmente elevado, extremamente exigente. Eu acho que se for comparar com o que vocês fazem hoje não tem nem comparação, porque é aquela questão de querer fazer o melhor e não foi uma questão só nossa não. Depois, na CAPES, discutindo muito a

⁸⁵ Refere-se à professora Dra. Maria Augusta Mundim Vargas (UFS - PP GEO) em seu texto Geografizando nos Grifos da Memória. O texto disponível na Edição 2013, número 2, da Revista GeoNordeste. <https://seer.ufs.br/index.php/geonordeste/article/view/1507/1332>

⁸⁶ Refere-se ao Dr. Heinz Dieter Heidemann, ex-professor do DGE e do NP GEO da UFS e professor aposentado da USP.

⁸⁷ Povoado estuarino do município de Santa Luzia do Itanhy, Litoral Sul de Sergipe.

⁸⁸ Adélia Moreira Pessoa, professora aposentada do Departamento de Direito da UFS.



questão do nível dos Mestrados no Brasil a gente viu que o Mestrado brasileiro equivalia muitas vezes a um Doutorado no exterior. (...).

15 A NECESSIDADE DO DOUTORADO, DE CAPACITAÇÃO PERMANENTE

Nessa época, o modelo de capacitação da CAPES se esgotou pela falta de Doutores. As Comissões de Avaliação da CAPES começaram a exigir que os professores de Mestrado tivessem Doutorado e o próprio pessoal sentiu que necessitava de mais qualificação (...). Tentamos fazer uma negociação com os Mestrados do Nordeste, Recife e Salvador, para criar um Doutorado único. Foi muito complicado, porque eu vi muita ciúmeira. Era um entrave burocrático de saber quem vai titular. A Universidade de Pernambuco disputando com a Universidade da Bahia, e acabou não dando certo.

Em 1991, eu vou a Polônia pela segunda vez (...). Dentro da Universidade de Varsóvia tinha um Instituto de Geografia no qual havia um Departamento de América Latina que eles tinham muito relacionamento internacional com países de língua espanhola, sobretudo Cuba (...). O corpo docente falava espanhol muito bem e a ideia era ter um contato mais íntimo com Varsóvia. Eles topariam o convênio e traríamos o pessoal para fazer Doutorado na Polônia. Ia ser um escândalo! Vamos fazer Doutorado na Polônia... (...). Mas eu estava na CAPES já, e o pessoal achou que teríamos dois problemas: primeiro o custo de um convênio com a Polônia, o deslocamento de pessoas (...); e segundo, a Polônia estava naquele processo de degradingolada ainda. Então, a coisa não tinha se assentado. Ainda estava tudo muito difícil, muito complicado. Acabou não dando certo.

O pessoal tentou me convencer, sobretudo Vera, Guta, Ana Virgínia e Tereza Cruz, que se podia fazer um convênio de Doutorado no Brasil mesmo, com Rio Claro. Eu não gostei muito da ideia. De início eu não gostei e reagi muito à ideia. Não vai dar certo, não vai funcionar, mas me convenceram. Montamos um processo, havia condições favoráveis. Primeiro eu tinha conhecimento, porque eu tinha sido de Rio Claro por muitos anos; depois a coordenadora da Pós-Graduação em Geografia de lá era Lúcia Helena⁸⁹ que era minha amiga, tinha feito Pós-Graduação comigo, tinha sido minha aluna de graduação e trabalhou comigo a vida inteira, fez Doutorado comigo. Depois o reitor da Unesp era o Landim⁹⁰ que era meu amigo e era da Geologia de Rio Claro, tinha sido até da minha banca de Livre-Docência. A CAPES estava interessada nisso, para fazer experiências com essas coisas interinstitucionais para ver se funcionariam. Com isso, a gente acabou viabilizando e, no segundo semestre de 1992, começa o Doutorado interinstitucional que na

⁸⁹ Refere-se à Dra. Lúcia Helena de Oliveira Gerardi, professora da UNESP, Rio Claro.

⁹⁰ Refere-se ao Geólogo e Professor Emérito da UNESP – Rio Claro, Dr. Paulo Milton Barbosa Landim.



realidade não foi interinstitucional. Na verdade, foi o Doutorado de Rio Claro dado aqui em Sergipe (...).

Nas três turmas que nós conseguimos abrir se formaram dezessete Doutores, não só de Sergipe, mas de outros estados do Nordeste, que se beneficiaram desse Doutorado. Na realidade, para nós foi fundamental, porque reforçou o quadro com mais 6 doutores no NPGE, acrescido de Alexandrina Luz⁹¹, que tinha ido pra USP, e depois de Guta, que foi para Rio Claro (...). Cecília também concluiu o Doutorado, mas se aposentou logo depois e se desligou da Pós-Graduação. Então, foi extremamente importante e vieram vários pesquisadores de outras universidades do Nordeste para entrar nesse corpo de dezessete novos Doutores.

16 A CRIAÇÃO DA ANPEGE⁹² E MILTON SANTOS

Ainda na CAPES, eu desenvolvi a ideia de criar a ANPEGE, porque a CAPES queria que cada área científica tivesse uma associação representativa dos cursos de Pós-Graduação. E eu desenvolvo a ideia de se criar a ANPEGE. De início, houve muita reação. E uma das pessoas que mais reagiu à ANPEGE foi Milton⁹³, porque ele achava que eu estava criando um divisionismo que ia acabar com a AGB. Até que ele conseguiu entender que a ANPEGE não era para ter sócio individual, os membros da ANPEGE são os cursos de Pós-Graduação. E pelo que Rita falou ontem, a ANPEGE continua funcionando e discutindo os problemas específicos da Pós-Graduação.

Em Florianópolis, num encontro em 1995, a gente cria a ANPEGE. Milton queria que eu fosse o primeiro presidente porque eu tinha sido o mentor. Eu disse, não senhor, quem vai ser o primeiro presidente da ANPEGE é você, porque você tem nome internacional e tem alta credibilidade perante todos os cursos. É você que tem que ser o presidente da ANPEGE, mas eu faço o primeiro congresso da ANPEGE para você não ter trabalho. Eu organizo o primeiro congresso da ANPEGE em Aracaju, em 1995.

O pessoal sempre insistiu em dizer que eu e Milton éramos brigados. Não sei por quê! Acho que é porque as pessoas pensam que quando você não pensa ideologicamente da mesma maneira, você é inimigo. Nesse encontro da ANPEGE em Aracaju (...) a gente faz um grande evento, que foi fantástico, no Centro de Convenções, o primeiro Encontro Nacional da ANPEGE, o ENANPEGE.

E a gente (...) faz a investidura do primeiro Doutor Honoris Causa acadêmico da Universidade Federal de Sergipe e é o Milton que a gente consegue colocar. Foi em 1995, eu era

⁹¹ Alexandrina Luz Conceição Professora aposentada da UFS e membro permanente do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGE) da UFS.

⁹² Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia.

⁹³ Refere-se ao professor Milton Santos.



Pró-reitor de Pós-Graduação, então a gente bolou uma cerimônia. Houve a sessão de abertura do encontro da ANPEGE, depois essa mesa se transforma em uma sessão do Conselho Universitário e vestimos Milton com uma capa de Desembargador, preta. Milton desce com um cortejo formado por membros do Conselho Universitário. Descendo a rampa central do Grande Auditório do Centro de Convenções ao som da Marcha Triunfal da Aída⁹⁴. Faço um discurso de saudação amigo (...), muito emocionante. Terminei citando João Ubaldo Ribeiro e Tobias Barreto. E teve gente chorando, rangendo os dentes. Foi um negócio. Foi gozado, porque depois quando houve o coquetel e acabou a cerimônia, Maria Auxiliadora Silva, da Bahia, que era do grupo antigo do Milton desde pré-64, veio chorando me abraçar. Alexandre nós não somos mais inimigos. Eu disse, eu não sabia que era seu inimigo, porque ela achava que eu era inimigo de Milton e por extensão, não era minha amiga.

Na verdade, tinha encontrado Milton algumas vezes. Eu conheci Milton em Penedo ainda como um pesquisador quando ele fazia pesquisa em Itabaiana. Depois vi Milton quando foi eleito presidente da AGB, e nos encontramos de novo em Jequié, no congresso da AGB. Depois houve o golpe de 64 e ele foi embora. Eu encontrei com Milton depois no Canadá, ele era professor da Universidade de Montreal e depois encontrei com Milton quando ele retorna ao Brasil, na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Foi muito difícil (...). Mas olhe bem, vamos deixar claro quem conseguiu trazer Milton. Ele era muito visado pelo sistema de segurança do país, todos nós éramos muito visados, eu mesmo não sabia que continuava sendo espionado, foi ótimo porque eu ainda recebi um bom dinheiro na anistia. Eu continuei sendo espionado pelo serviço de segurança até quando Pró-reitor de Pós-Graduação dessa universidade. E Milton era muito visado, mas foi Bertha Becker quem conseguiu colocar Milton na Federal do Rio de Janeiro. Depois tive contato com ele na ANPEGE. (...).

17 AS ÁREAS DE CONCENTRAÇÃO E OS ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS NO NPGE

Em 2001, o Núcleo de Pós-Graduação em Geografia altera sua área de concentração e sai de “Organização do Espaço Rural no Mundo Subdesenvolvido” para “Organização e Dinâmica dos Espaços Agrário e Regional” com três linhas de Pesquisa. E em 2003, dá um novo salto com a implantação do Doutorado que já está fazendo 10 anos⁹⁵.

Há uma coisa interessante em 2004 que o núcleo fez que foi a Arqueologia. Eu fui Fundador e Diretor do Museu de Arqueologia de Xingó. Eu virei arqueólogo e museólogo no final da minha

⁹⁴ Refere-se à Marcha Triunfal da Ópera Aída de Giuseppe Verdi.

⁹⁵ Refere-se ao ano de 2013, ano de realização do Evento NPGE (Núcleo de Pós-Graduação em Geografia) - 30 anos (1983-2013).

carreira (...). O convênio com a Petrobras e a Chesf não se resolvia e o reitor me chama e me intima a ser coordenador da Arqueologia. Eu nunca me meti em Arqueologia, não entendo nada de Arqueologia, mas eu tinha chamado José Luiz de Moraes⁹⁶(...). O Zé⁹⁷ tinha vindo para cá e tinha posto na cabeça do reitor que eu é que tinha que ser coordenador da Arqueologia. Terminei aceitando a coisa e fundei o Museu.

E um dos nossos itens do programa do Museu era a criação de um Mestrado em Arqueologia. Eu não tive como criar, porque eu tentei fazer um convênio com a USP, nos mesmos moldes daquele de Rio Claro, para fazer um Mestrado Interinstitucional, e não consegui. Mas por sugestão do próprio Comitê de Avaliação da CAPES que estava aqui em Aracaju, o Mestrado acabou sendo desenvolvido como área de concentração dentro da Geografia com uma invenção bem bonita: Formas e Processos Tradicionais de Ocupação Territorial em Estudos Arqueológicos.

E foi muito importante isso, mas não para o Núcleo de Pós-Graduação. Foi até prejudicial para Núcleo, porque esvaziou a área de concentração. Houve muito professor visitante, baixou o nível de avaliação da CAPES. (...). Formalmente baixou o nível, na realidade estava fazendo uma coisa para crescer. Mas para a Universidade foi fundamental, porque foi esse primeiro grupo de formados nesse Mestrado, com as duas turmas de Arqueologia, que deu subsídio para a universidade montar o curso de Arqueologia e o curso de Museologia. O curso foi montado com os primeiros egressos desse Mestrado nosso e hoje não sei como vai a Museologia, mas Arqueologia vai muito bem, já chegou a Doutorado.

Então, foi um trabalho bom do Núcleo de Pós-Graduação em Geografia. O Núcleo tem prestado uma imensa contribuição para a Geografia Brasileira, nordestina, porque os seus egressos trabalham nesses outros cursos.

18 SOBRE AS AVALIAÇÕES DA CAPES

Nós estamos razoavelmente bem posicionados na Pós-Graduação, mas não é o ideal. (...) É o máximo a que se conseguiu chegar. Lembrem do peso da nossa universidade, lembrem de Sergipe, lembrem do que está por trás... Só que desde que eu fui coordenador da CAPES que eu lido com esse problema, quer dizer, por melhor que seja a avaliação, ela não mede a qualidade, ela mede indicadores que se supõe que tenham correlação com qualidade, mas a qualidade não é mensurada. Mas é o melhor que nós temos, então a gente deve tomar cuidado e obedecer aos parâmetros da avaliação.

⁹⁶ Professor Titular da USP. Ex-diretor do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo.

⁹⁷ Refere-se José Luiz de Moraes, professor Titular da USP.



A USP pode se dar ao luxo de contestar o modelo que está aí, é o papel dela como grande centro, maior Universidade Brasileira. É o papel da USP contestar o modelo produtivista que está aí que é esgotante. Ser forçado a produzir a toque de caixa e repique de sino, quer queira, quer não queira, mesmo que seja para dizer bobagem. É esgotante e ineficiente, mas a Universidade de Sergipe pode reagir um pouco, tentar conciliar um pouco (...). Não pode ter uma posição extrema, porque o dinheiro está lá e o apoio está lá. Tem muito dinheiro da própria USP, mas aqui não tem não. Sem o apoio da CAPES não se vai a lugar nenhum. Então é uma posição difícil e tem que ter jogo de cintura (...).

19 LIÇÕES PARA O FUTURO

E agora o que eu tenho para dizer a vocês? Já falei do sucesso incrível de vocês e o lançamento dos livros mostra isso. O trabalho de vocês é incrível! Eu estou plenamente realizado com todo esforço nosso, meu, de Adelci, de todo mundo que participou no início (...). Plenamente recompensado, porque vocês conseguiram tocar o barco, conseguiram pegar a tocha e levar adiante. Estão todos de parabéns!

Mas e agora? É difícil manter a rotina. É mais fácil fazer as coisas quando você está fazendo uma novidade, está fazendo uma coisa nova, dando um salto. Na rotina é difícil manter, mas exatamente para não se manter na rotina tem a questão da avaliação. É o cutucar, está sempre cutucando. Eu só posso ajudar um pouco com uma reflexão, não posso dar regras para vocês que sabem muito bem fazer, e estão fazendo muito bem. Posso ajudar numa reflexão para que vocês pensem um pouco em algumas coisas. Eu não tenho receita para vocês, depois é muito fácil dizer de fora, eu já estou fora (...). É muito fácil falar, fazer que é difícil, mas vamos ver.

Eu sempre fui muito adepto a uma ideia de planejamento estratégico. Não vamos deixar que as coisas ocorram por acaso, vamos pensar e criar um planejamento estratégico. Tudo foi feito dentro da ideia de planejamento estratégico, foi tudo pensado previamente. Então pensem numa ideia de planejamento estratégico para desenvolver mais o Núcleo. Que metas se poderia pensar? Consolidação, sobretudo do Doutorado. Produzir cada vez melhor, mais e melhor e, como consequência, subir nas avaliações da CAPES. Tentar, pelo menos tentar não cair. (...).

Que coisas se pode pensar para atingir essas metas? Primeira coisa, cuidar da endogenia. Cuidado! Sempre foi um perigo muito grande nosso. Eu sempre tive muita preocupação com a endogenia, por isso a gente sempre reforçou a ideia dos Tópicos Especiais que é uma maneira de romper com a endogenia. Tenho medo na academia do pensamento único. (...). Eu tenho medo do

mesmismo. Cuidado com a endogenia que leva ao mesmo. (...). Vamos tentar integrar mais visitantes. (...). O risco da endogenia aumenta, porque agora o núcleo começa a ter como professores os seus egressos, é o formado do formado do formado. (...). Mas é preciso ter muito cuidado com isso. A nova ideia tem sempre que está entrando. Tem que haver agitação. Tem que haver o protesto. (...). Então tem que haver uma efervescência e essa efervescência se dá por ideias diferentes, não entre inimigos pessoais.

Outra ideia que me vem à cabeça, que eu acho que vocês já estão pensando, (...), é mexer um pouco na área de concentração. São 10 anos, já é hora de dar uma abertura nessa área de concentração e a abertura seria na linha do urbano. (...). É claro que tem que fazer isso com cuidado, para ver se não vai fragilizar o Núcleo (...). Mas eu acho que é importante abrir, porque o mundo moderno e o avanço da agricultura capitalista no Brasil, no Nordeste, jogam cada vez mais a interação com o urbano para frente. (...).

E a terceira coisa que eu queria falar é o intercâmbio internacional. Foi um fracasso nosso sempre! A gente tem muito sucesso, mas também fracassos. Eu nunca consegui viabilizar um intercâmbio internacional. Sempre foi um projeto perseguido, mas nunca realizado. No curso de Especialização em Geografia da década de 1970 eu trouxe Raimond Pébayle, da França. Passou algum tempo por aqui, (...), depois ele veio para o Núcleo de Pós-Graduação em Geografia, mas nunca passou da própria presença dele. Depois nós trouxemos Silvana Levi de Lopes, do México, em 1985. (...). Eu pensava na época que poderia abrir um contato muito grande com a Universidade Nacional Autônoma do México, mas Silvana também era pessoalmente muito fechada, não se conseguiu. Trouxemos Carreras⁹⁸, de Barcelona, e até Paul Claval. Em 1991, eu na Polônia, tentei fazer aquele contato que não deu certo. Em 1992, nós passamos a ter um contato com a Universidade de Durham⁹⁹. Morgan¹⁰⁰ veio para cá passou um tempo conosco. E depois vieram vários professores de outras universidades (...). Mas também não passou disso. (...).

Além do problema da língua estrangeira. Como é que está hoje? Não sei. Vocês sempre reclamaram, muitos diziam até que eu não gostava de português e eu só queria que vocês falassem em inglês. Então, sempre foi uma dificuldade muito grande a questão da língua estrangeira. Mas tentem pelo menos com espanhol que é português mal falado. (...).

A Espanha é um caminho. Tem um grupo de Geografia bom (...). Então eu penso que a Espanha é um caminho para vocês. Mas lembrem do problema do planejamento estratégico, não adianta dispersar os esforços, é tentar achar um lugar e concentrar ali. Barcelona, Madrid, Alcalá de

⁹⁸ Refere-se ao professor Carles Carreras i Verdaguer, Catedrático de Geografia Humana da Universitat de Barcelona.

⁹⁹ Durham University, Inglaterra.

¹⁰⁰ Ex-professor do Departamento de Geografia da Universidade de Durham, Inglaterra.



Henares, Granada, Sevilha não sei como é que estão hoje esses cursos. Vai se concentrar num lugar, não adianta dispersar. Para quê? Porque tem que se criar laços e esses laços só são criados com o convívio continuado (...).

Assim vai resolver dois dos problemas, a questão da endogenia e vai melhorar a avaliação da CAPES. Vai matar dois coelhos com uma cajadada só. Para terminar, já falei muito, já escrevi muito, vocês sabem muito bem o que fazer, eu estou extremamente satisfeito e realizado com o que eu vi aqui. Tenho certeza que vocês vão continuar tocando o barco muito bem, como fizeram até agora.

Muito obrigado!

